

Artes do gênero

& gêneros da arte

É possível discutir relações de gênero e arte por variados aspectos. Pode-se perguntar, por exemplo, de que maneira o gênero interfere na definição de quem é ou não é um grande artista. Podemos observar que, para muitas mulheres, entrar no mundo das artes foi — e tem sido — muito difícil. Algumas tiveram de se esconder atrás de pseudônimos, outras recorreram ao apoio de homens ou mulheres de prestígio. Muitas, certamente, não tiveram sequer condições de desejar esse mundo, mesmo que pudessem expressar sentimentos que, se devidamente trabalhados e expostos nos lugares adequados, seriam considerados “boa arte”.

Um outro viés é perceber o modo como os artistas se apropriam da figura feminina — e masculina — e como a própria representação artística pode servir como veículo de normatização de condutas, de definição do que é belo ou do que não é, do que se pode ou não fazer, constituindo, portanto, o gênero. Além disso, as imagens em forma de charges podem, por exemplo, exprimir as misoginias e o antifeminismo. Podem ainda definir o gênero de uma nação, segundo a ótica a partir da qual os soldados da pátria e os inimigos são representados. Mas as imagens podem, também, servir para expressar aquilo que as mulheres querem divulgar. Assim, se a arte é generificada, os usos da arte e do gênero podem ser colocadas a serviço tanto do sonho da revolução como se prestar à manutenção de hierarquias.

Neste dossiê, as artes estão em constante diálogo com as relações de gênero: os textos falam de cinema, pintura, desenhos e prosa. Os desenhos estão presentes em quatro artigos, por meio de charges, de gravuras, de cartazes e de ilustrações.

As gravuras são as principais fontes utilizadas por Luc Capdevila em seu artigo “O gênero da nação nas gravuras da imprensa de guerra paraguaia: *Cabichuí* e *El Centinela*, 1867-1868”. Esse autor nos convida a estranhar a maneira como, na Guerra do Paraguai, apesar das derrotas e da crise, a configuração do gênero foi mantida inalterada. Ele nos mostra como Solano Lopes preferiu armar meninos com lanças de madeira em vez de armar as mulheres. Para tanto, usa as imagens, os desenhos que foram publicados nos jornais paraguaios durante a guerra da Tríplice Aliança.

Desenhos criados para propagandas, estampados em panfletos e cartazes de divulgação contra o alcoolismo e a sífilis, são o objeto de análise de Maria Izilda Santos de Matos e de Mirtes Moraes, em “Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940). Através dessas imagens, as autoras apontam as formas como masculinidades e feminilidades eram definidas, reforçando diferenças, sedimentando o gênero.

As charges humorísticas e os textos de jornal são focalizados por

Rachel Soihet em “Preconceitos nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo”. Nele, as imagens de humor de *O Pasquim* ganham destaque por serem veículos de divulgação antifeminista. Nesse caso, a arte do desenho e da escrita são armas de luta visivelmente conservadoras, ao ridicularizar a busca de igualdade de gênero empreendida pelas mulheres no final da década de 1970 e início dos anos 1980.

Mais uma vez, o desenho é a matéria-prima do artigo escrito por Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff, intitulado “Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris.” As imagens que ilustram os periódicos, os panfletos e os manifestos produzidos por dois grupos feministas formados por mulheres brasileiras e de outros países da América Latina, exiladas na França, são utilizadas para escrever uma história em que o foco principal está na maneira como esses grupos definem suas diferenças no interior desse movimento social.

Ao incursionar pelo mundo do cinema no Brasil, Mônica Raisa Schpun volta os seus olhos para “O cinema mudo em São Paulo: experiências de italianos e italianas, práticas urbanas e códigos sexuados”. A autora cruza relações de gênero, a arte cinematográfica e a imigração de italianos para São Paulo no início do século XX. As mulheres brasileiras foram, então, erigidas em símbolos de beleza exótica no cinema. As poses para as telas, bem como para as fotos, estabeleceram padrões a ser seguidos.

A pintura é o foco de Ana Paula Cavalcanti Simioni, ao retratar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que tentavam ser pintoras nos séculos XVIII e XIX. Em “O corpo inacessível: as mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX”, ela percebe como o gênero definiu percursos e possibilidades para quem se aventurava no campo das “belas-artes”.

Na narrativa das mulheres desterritorializadas, Temis Gomes Parente capta sentimentos como a saudade. Em “Gênero e memória de mulheres desterritorializadas”, procura refletir sobre como o gênero baliza a memória do espaço que foi inundado pelo Rio Tocantins. Na poesia, o rio é cantado; na fala das mulheres, o sentimento é traduzido em prosa.

Ao longo do dossiê *Relações de Gênero & Arte*, pretende-se destacar a importância da categoria gênero para se pensar a expressão artística. Assim como a história escrita no masculino — pensado como universal — constitui o gênero, ao definir os homens como os sujeitos por excelência da história, uma história da arte que desconsidera essa categoria de análise está reforçando o gênero, pois veicula, sem estranhamento, normas e padrões de masculinidades e feminilidades que precisam ser postos em questão.

Joana Maria Pedro
Organizadora do dossiê